

MUSEU
NACIONAL DE
ARQUEOLOGIA



ANTÓNIO CARVALHO
DIRETOR DO MUSEU
NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

GUARDIÃO DE TESTEMUNHOS DA HISTÓRIA

Lisboa é destacadamente o maior sítio arqueológico nacional, aquele que possui maior expressão, afirma o diretor do Museu Nacional de Arqueologia, António Carvalho. Nas coleções de Lisboa no MNA destaca-se o acervo proveniente do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), da Fundação Millennium BCP. Mas o Museu guarda, conserva e expõe acervo proveniente de 3.160 sítios arqueológicos de todo o país – testemunhos da história de mais de meio milhão de anos de ocupação do atual território português –, desde as origens do Homem, principalmente até à fundação da nacionalidade. Mas não só.



O Museu Nacional de Arqueologia comemora este ano 125 anos de existência. Como surgiu e como evoluiu?

O Museu Nacional de Arqueologia (MNA) resulta do esforço de José Leite de Vasconcelos (1858-1941), seu primeiro diretor, para, segundo o próprio, criar um “Museu do Homem Português”. Com o patrocínio político e conceptual de Bernardino Machado, então ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, foi criado, por decreto régio de 20 de dezembro de 1893, como Museu Ethnographico Português. Como instituição centenária, esteve subordinada a diversas entidades e viu a sua designação alterar-se por quatro vezes, denominando-se, desde 1989, Museu Nacional de Arqueologia, do Dr. Leite de Vasconcelos. Em mais de um século de existência, este museu constituiu-se como a instituição de referência da arqueologia portuguesa com correspondência regular com museus, universidades e centros de investigação no país e em todo o mundo. O seu acervo reúne as coleções iniciais do fundador e do arqueólogo algarvio Estácio da Veiga, às quais se somaram numerosas outras: por integração a partir de outros departamentos do Estado, por doação ou legado, fruto da intensa atividade de campo do próprio museu ou de outros arqueólogos, ou ainda por despachos governamentais, ao abrigo da legislação aplicável, sempre que se considere o valor nacional de bens arqueológicos descobertos no País. Hoje o MNA conta nas suas reservas com vestígios de mais de 3.000 sítios arqueológicos, testemunhos que narram a história de mais de meio milhão de anos de ocupação do território atualmente português, pelo que continua com a mesma vocação básica: contar a história do povoamento humano do nosso território, desde as origens, principalmente, até à fundação da nacionalidade, mas prolongando-se até ao século XX. Cerca de meio milhão de anos de história da ocupação humana do espaço que hoje é Portugal. Já em janeiro foi depositado o denominado crânio

Pensar na salvaguarda, valor, uso e nas melhores formas de gestão desse património constitui, certamente, uma absoluta prioridade

da Aroeira 3 com cerca de 400.000 anos e que corresponde ao mais antigo fóssil humano descoberto em Portugal. Conserva-se acervo de sítios arqueológicos de todos os distritos do País, sendo escassos os concelhos ausentes das nossas coleções, e coleções depositadas ou temporariamente cedidas em mais de 60 museus com vários estatutos. São estes factos que nos fazem muitas vezes dizer que o MNA é o “mais local de todos os museus nacionais” porque junta os vestígios arqueológicos de muitos locais que se articulam de modo a podermos ter uma leitura global – nacional – de um Portugal Arqueológico, a partir da coleção de referência que conservamos e expomos. O MNA dispõe de diversos serviços orientados para o cumprimento das funções museológicas previstas na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, de onde se destaca o Setor de Inventário e Coleções, que procede à organização sistemática e à gestão das coleções de acordo com necessidades de investigação, bem como de exposições e cedência de bens culturais, e o Laboratório de Conservação e Restauro, que intervém sobretudo em bens culturais do MNA, ou que ali integrem exposições. Ou

seja, pretextos não faltam a quem já conhece, ou nunca visitou, para em 2018 – ano de aniversário – visitar militante e demoradamente o Museu Nacional de Arqueologia.

O que está previsto para assinalar o aniversário?

O aniversário do MNA coincide, afortunadamente, com a designação, pelo Parlamento Europeu, por proposta da Comissão Europeia, do Ano Europeu do Património Cultural, pelo que a nossa programação terá também em consideração esta celebração europeia. Nesse sentido, preparámos uma ampla programação para um largo espectro de público, composta por exposições, conferências e seminários, entre outras iniciativas. O programa das comemorações será orientado fundamentalmente para dois objetivos: trazer ao museu o público nacional, que representa atualmente menos de 40% dos visitantes e que importa fazer crescer, e, por outro lado, sendo Portugal um país com muitas comunidades de residentes estrangeiros, apresentar temas que, além de interessantes para o público nacional e para os turistas dessas mesmas nacionalidades, constituam um fator de afirmação

Espólio imenso e diversificado

O MNA dispõe de um espólio arqueológico imenso e diversificado, proveniente, como já se disse, de mais de 3.000 sítios arqueológicos, e possui ainda uma expressiva coleção de Etnografia Portuguesa e Africana, explica António Carvalho. Uma das últimas incorporações, prossegue, deu-se através do Despacho n.º 15506/2016, do ministro da Cultura, publicado no Diário da República n.º 246/2016, Série II, de 26 de dezembro, que autoriza a incorporação definitiva dos bens móveis e demais documentação produzida no âmbito dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre 1991 e 1995 no

Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC), em Lisboa, sítio declarado Monumento Nacional em 2015 (Despacho n.º 7/2015, de 17 de abril de 2015, da Presidência do Conselho de Ministros). O acervo deu entrada no MNA em 29 de outubro de 2010, tendo o depósito sido formalizado em 29 de maio de 2013. Em dezembro de 2016 foi então incorporado definitivamente nas coleções públicas que o MNA conserva. Assim, 180 bens culturais estão permanentemente expostos no núcleo museológico do NARC, gerido pela Fundação Millennium BCP, onde continuarão patentes ao público, adianta.



de identidade cultural para esses estrangeiros e, por conseguinte, aglutinador de novos públicos. Por exemplo, a semana entre 14 e 20 de maio, com três festivais dedicados às comunidades aglutinados num só, será no Museu nacional de Arqueologia absolutamente imperdível. E, em outubro, um grande encontro nacional de museus com coleções de Arqueologia. Para juntar todo o tecido museológico nacional da área. Uma programação que assentará num sólido trabalho de equipa.

Este museu é referido como o que possui mais bens classificados como tesouros nacionais,

alguns de valor incalculável. Que tesouros exhibe?

É um facto. Quando foi publicada, em 2006 (Decreto-Lei 19/2006 de 19 de julho), a primeira lista de Bens de Interesse Nacional (BIN), vulgo Tesouros Nacionais, foram classificados 940 bens do MNA. Houve a preocupação do diretor que me antecedeu, Luís Raposo, e da equipa do Museu que o acompanhou nessa missão, de cobrir todos os períodos representados nas coleções, destacando os bens culturais mais relevantes. Naturalmente que os BIN estão concentrados na exposição Tesouros da Arqueologia Portuguesa, uma vez que a coleção de ourivesaria foi classificada praticamente na íntegra.

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES E ATIVIDADES

Quais são as publicações do MNA?

A atividade editorial do MNA é muito vasta e diversificada. O museu publica, desde 1895, com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda (IN-CM), O Arqueólogo Português (OAP), um título que – com o intuito inicial de “estabelecer relações literárias entre os diversos indivíduos que, ou por interesse científico, ou por mera curiosidade, se ocupam das nossas antigualhas” – acabou por se converter numa revista científica, de grande prestígio

O MNA é o “mais local de todos os museus nacionais”



nacional e internacional. Encontrase, desde 2015, ano em que se comemoraram os 120 anos da sua primeira edição, disponível para consulta *online* no *site* do Património Cultural/DGPC – <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/recursos/o-arqueologo-portugues/o-arqueologo-portugues>. Desde 2011 que o MNA retomou a parceria com a IN-CM que, além de publicar regularmente a revista OAP, publica também o respetivo Suplemento, edita catálogos, guias e roteiros das exposições apresentadas no museu. O museu também já publicou volumes relativos ao inventário de núcleos e coleções. Acresce que algumas das publicações icónicas

da Arqueologia portuguesa, editadas pelo museu e hoje esgotadas, constituiriam, se reeditadas em versões revistas e atualizadas, certamente, excelentes oportunidades editoriais.

O MNA é também um centro de investigação aberto a todos os que se interessam pelo estudo das suas coleções. Na prática, como é que isto se traduz?

Traduz-se por uma forte presença da comunidade científica. Há muitas décadas que as coleções do MNA são estudadas e reestudadas no âmbito de teses de mestrado e doutoramento, mas também no âmbito de programas de pós-doutoramen-

Duas exposições permanentes

O MNA tem duas exposições permanentes, Antiquidades Egípcias e Tesouros da Arqueologia Portuguesa, afirma António Carvalho, adiantando que a primeira, inaugurada em 1993, mostra a coleção de antiguidades egípcias do MNA, constituída por mais de 500 peças das quais cerca de 300 encontram-se expostas. O acervo, prossegue, é o maior de Portugal e foi reunido por José Leite de Vasconcelos e pela família real, tendo sido também significativas as doações das famílias Palmela, Bustorff Silva e Barros e Sá. As peças expostas encontram-se distribuídas de acordo com um critério temático-cronológico desde a Pré-História à Época Copta, abrangendo um período de mais de 5.000 anos. A exposição Tesouros da Arqueologia Portuguesa, inaugurada em 1980, e remodelada novamente em 2017, é, por sua vez, uma coleção de ourivesaria arcaica, fruto de aquisições e recolhas avulsas, refere. Da coleção de joalharia antiga destaca-se um conjunto de ourivesaria pré-romana, um dos mais importantes em toda a Europa. Este conjunto, sublinha, contribui decisivamente para que o MNA seja o museu nacional com o maior número de bens classificados como Bens de Interesse Nacional. Esta exposição foi alvo recentemente de uma intervenção de modo a acolher uma proposta de diálogo arqueológico e artístico entre tesouros milenares de Portugal e da Roménia. Os dois países, situados nos extremos da Europa, encontram-se ligados pela cultura latina e pelo interesse que as suas antigas civilizações dedicaram ao ouro e à prata que o subsolo dos seus territórios guardava. Esta exposição Ouro antigo: do Mar Negro ao Oceano Atlântico, que estará em mostra até 29 de abril, realiza-se sob a égide dos Presidentes da Roménia e de Portugal, e resulta da organização conjunta da Embaixada da Romé-

nia em Portugal, da Direção-Geral do Património Cultural, do Museu Nacional de História da Roménia, do Museu Nacional de Arqueologia e do Instituto Cultural Romeno em Lisboa, no ano em que se celebram os 100 anos do estabelecimento de relações diplomáticas bilaterais, acrescenta. De salientar que o MNA, depois de se ter envolvido na organização de exposições internacionais, como a Lusitânia Romana: Origem de dois Povos/Lusitania Romana: Origen de dos Pueblos, que foi apresentada em Mérida, no Museu Nacional de Arte Romano, em Lisboa, no próprio MNA, e, por último, em Madrid, no Museo Arqueológico Nacional, voltou a apostar na longa tradição de cooperação com as autarquias, iniciada há 20 anos. Fruto de um protocolo entre a Câmara Municipal de Loulé e a Direção-Geral do Património Cultural, celebrado em 8 de março de 2016, LOULÉ – Territórios, Memórias, Identidades é mais uma exposição desta natureza, e como que um “Portugal em miniatura”, espelhando a História do País, da Península Ibérica e da Europa. Um verdadeiro ponto de partida para uma viagem obrigatória até Loulé para descobrir o concelho e os seus tesouros mais bem guardados. Continua também a apostar na ligação com instituições científicas, mostrando o fruto destas, como na exposição Lusitânia dos Flávios: a propósito de Estácio e das Silvas, concretizada em estreita colaboração pelo Museu Nacional de Arqueologia, pela UNIARQ – Centro de Arqueologia e pelo Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, conclui. “Todas estas exposições realizam-se graças ao indispensável apoio da Lusitania Seguros, mecenas institucional da DGPC e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que, no âmbito do protocolo existente, publica os nossos catálogos”.

to. Nos últimos tempos o MNA é conhecido como tendo o maior número de bolseiros da FCT ligados a várias universidades, com destaque para a Universidade de Lisboa, designadamente para a UNIARQ-Centro de Arqueologia, na Faculdade de Letras. Em face da constatação deste facto, a partir de 2013 foi criado o Dia do Investigador, para que cada investigador recenseado das várias universidades e centros de investigação portugueses e estrangeiros, numa reunião preparada especificamente para esse efeito, apresente perante os seus pares, orientadores e o público, o essencial da sua investigação sobre as coleções do museu. É uma boa prática, no que respeita a divulgação científica, muito habitual em outras ciências.

Em que consiste a oferta do Serviço Educativo?

O Serviço Educativo e de Extensão Cultural desenvolve e promove, no âmbito das exposições permanentes e temporárias, visitas guiadas e outras atividades para públicos escolares e não escolares. O MNA dispõe ainda de maletas pedagógicas, cuja temática é representativa do seu acervo, que podem ser requisitadas. Este serviço iniciou já nesta década uma nova estratégia educativa que consiste na realização de visitas guiadas, visitas orientadas com dramatização, jogos educativos e temáticos e ateliês pedagógico-didáticos de acordo com a faixa etária dos grupos e, sempre que possível, privilegiando os aspetos relacionados com os currículos escolares. Destacam-se as visitas orientadas às exposições com dramatização que, a determinado momento, são interrompidas por uma personagem relacionada com a temática da exposição, a qual leva a cabo uma pequena dramatização que ajuda a esclarecer e reforça o discurso expositivo. O Serviço Educativo desenvolve ainda ações pedagógicas diversas para públicos com necessidades específicas.

E o que nos pode dizer sobre a biblioteca?

A biblioteca do MNA é uma das mais importantes do País especializadas em arqueologia e é constituída por



um acervo documental bastante relevante, desde monografias e publicações periódicas (incluindo muitos títulos já inativos e fruto de permutas com a publicação periódica do museu), bem como literatura de cordel, mapas, incunábulos, manuscritos, livros antigos e gravuras. Possui ainda os arquivos pessoais dos seus antigos diretores, nomeadamente os de José Leite de Vasconcelos, Manuel Heleno e Fernando de Almeida, bem como de investigadores como Estácio da Veiga e Luís Chaves, e as doações de bibliotecas de Nuno Carvalho dos Santos, Hipólito Raposo, Gustavo Marques e Fernando Bragança Gil. Leite de Vasconcelos deixou em tes-

São naturalmente as peças de património que dão a este espaço da cidade o cariz monumental e a atratividade que evidencia

tamento ao MNA parte do seu espólio científico e literário, que constitui o mais prestigioso legado existente no acervo documental da biblioteca. Este fundo bibliográfico é formado pela biblioteca pessoal de JLV, correspondência, apontamentos e documentação que utilizou na elaboração dos seus numerosos trabalhos científicos. Em 1998 foi publicado o inventário da correspondência de Leite Vasconcelos, com cerca de 3.700 correspondentes e 24.300 espécies, e têm sido publicados aditamentos ao mesmo no OAP, na sequência de investigações científicas. A biblioteca serve sobretudo os técnicos do museu, mas tem igualmente como



missão prestar apoio ao público em geral. Como serviço especializado, o seu acervo está mais vocacionado para investigadores e estudantes universitários.

O Parlamento Europeu designou 2018 como Ano Europeu do Património Cultural. Qual a relevância desta decisão?

Neste início de século e de milénio pensar na salvaguarda, valor, uso e nas melhores formas de gestão desse património constitui, certamente, uma absoluta prioridade. Esta designação é tanto mais relevante uma vez que ocorre numa altura em que Portugal regista um fluxo turístico

muito considerável e o nosso património cultural, nas suas diferentes formas, é objeto de destaque.

Que peça(s) gostaria de incorporar no MNA?

As coleções do MNA devem ser representativas do todo nacional, por isso as peças a incorporar devem constituir testemunhos fundamentais. Naturalmente que na atualidade a função do MNA é articulada com museus municipais, muitos pertencentes à Rede Portuguesa de Museus, que não existiam no final do século XIX ou durante um longo período do século XX. A oferta municipal tem hoje condições para

depósito de bens culturais, pois tem equipas, instalações e programas de conservação e exposição de grande qualidade. Mas já que me pede uma indicação concreta, posso dizer que gostava que, fosse depositada no museu a inscrição funerária em língua e escrita fenícias que foi identificada nas escavações dos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa. Há, creio, apenas duas conhecidas em suporte de pedra na Península Ibérica. É, portanto, um vestígio raro e único – testemunho da ocupação Fenícia do território nacional, que devia ser obrigatoriamente apresentado, pelo menos, numa futura

exposição permanente da Arqueologia portuguesa neste museu quando for possível instalar.

REPRESENTATIVO DA ARQUEOLOGIA NACIONAL

Como enquadra o museu na oferta museológica de Lisboa, nomeadamente na zona de Belém?

O MNA, por estar instalado na ala oitocentista do Mosteiro dos Jerónimos, ocupando toda a fachada a sul, assume um lugar de destaque, sendo central no perímetro da Praça do Império. Gostaria, a este

Aumento do número de visitantes

O Museu Nacional de Arqueologia contabilizou 167.634 visitantes no ano passado, o que corresponde a um aumento de 14,1% em relação a 2016 e de 111,6% desde 2012, destaca António Carvalho. De acordo com os resultados preliminares do Estudo de Públicos dos Museus, realizado em colaboração entre a DGPC e o CIES do ISCTE com o apoio da Fundação Millennium BCP e

da ONI, os visitantes do Museu Nacional de Arqueologia são, principalmente, das seguintes nacionalidades: portuguesa, inglesa e espanhola. O número de visitantes franceses e de países do Extremo Oriente, designadamente da China e da Coreia do Sul, está em crescimento visível. Estes números são o resultado do excelente trabalho de equipa do museu.



A oferta cultural de Lisboa é cada vez mais diversificada, revela orgulho na História e identifica oportunidades para o futuro

O que pensa sobre a oferta cultural de Lisboa? Quais os fatores que a diferenciam?

A oferta cultural de Lisboa é cada vez mais diversificada, revela orgulho na História e identifica oportunidades para o futuro. Procura também satisfazer qualquer tipo de visitante/turista, desde o turismo cultural ao público que busca outros interesses – como a praia – mas que pode ser aliciado com uma oferta cultural de qualidade. Faz uso da sua histórica abertura ao mundo e acolhe a multiculturalidade, talvez em prejuízo dos habitantes locais, levando a alguma descaracterização do seu centro histórico e bairros típicos, forte chamariz que seria muito trágico perder. Nesse sentido, diagnosticados os constrangimentos que uma atração turística deste género possa ter, não podemos deixar de acautelar os mesmos.

propósito, de referir que o número de visitantes do MNA cresceu, entre 2012 e 2017, 111,6%. E de 2016 para 2017, aumentou 14,1%. Nesse sentido é expectável que os muitos milhões de turistas que visitam aquela que é uma das salas de receção da cidade de Lisboa o queiram conhecer. Por outro lado, tendo o MNA coleções arqueológicas de todo o país, é muito natural que os visitantes nacionais se revejam nas exposições temporárias que mostram os vestígios do passado das suas terras. É precisamente o que ocorre com a atual exposição temporária sobre a Arqueologia e História do município de Loulé, intitulada LOULÉ – Territórios, Memórias, Identidades, organizada em estreita parceria com a autarquia.

O MNA está integrado no Circuito Turístico Belém Monumental, criado em setembro do ano passado pela Associação Turismo de Lisboa. Que balanço faz desta iniciativa?

É certamente uma boa iniciativa que importa aprofundar, devendo estabelecer-se para tal uma comunicação direta e permanente entre os responsáveis pela gestão do Circuito Turístico Belém Monumental, a Direção-Geral do Património Cultural e os diretores dos equipamentos instalados neste perímetro, neste caso o MNA. São naturalmente as peças de património que dão a este espaço da cidade o cariz monumental e a atratividade que evidencia.

Sítio arqueológico com maior expressão

Questionado sobre como classifica a capital portuguesa em termos arqueológicos, António Carvalho diz que Lisboa é uma cidade sobreposta a cidades antigas. Com sobreposição contínua desde a Pré-História. Lisboa é, portanto, destacadamente o maior sítio arqueológico nacional. Com maior expressão, salienta. Durante a época romana, como ainda hoje, e certamente antes, Lisboa foi o principal porto da fachada atlântica ocidental e, considerando tratar-se da capital de Portugal desde a Idade Mé-

dia, é naturalmente uma urbe presente quando se fala de qualquer período da nossa História acrescenta. É precisamente também por este facto que a gestão dos espólios arqueológicos exumados no subsolo de Lisboa, e do património imóvel que se vai revelando, obriga a uma atenção especial e a uma permanente e estreita articulação, sob a forma de uma rede colaborativa, entre todos os intervenientes: agentes locais e nacionais; setor público e privado; promotores e arqueólogos. Isto é, Todos.